

O ΚΛΕΟΣ de Telêmaco: *Odisséia* 1.95*

PETER V. JONES

The University of Newcastle upon Tyne

Tradução: Leonardo Teixeira de Oliveira, 2007

Athena anuncia seu plano para Telêmaco com as seguintes palavras:

πέμψω δ' ἐς Σπάρτην τε καὶ ἐς Πύλον ἡμαθόεντα
νόστον πευσόμενον πατρός φίλου, ἣν που ἀκούσῃ,
ἦδ' ἵνα μιν κλέος ἐσθλὸν ἐν ἀνθρώποισιν ἔχῃσιν.

Quero mandá-lo até Esparta, e até Pilo de solo arenoso,
a fim de ver se consegue notícias da volta do pai,
como, também, conquistar entre os homens um nome preclaro.

1.93-95¹

Em resumo, o problema é este: como Telêmaco pode conquistar κλέος (“glória”) embarcando em uma viagem pelo Peloponeso para visitar Nestor e Menelau²? Eustácio reconheceu o mesmo problema e acrescentou o seguinte comentário a esses versos: ὥς κοπιάσαντα ὑπὲρ τοῦ πατρός (“à medida que se aflige pelo pai”). Esta parece uma explicação apressada. Com a ajuda de Athena e Pisístrato, resta pouco κόπος (“fadiga”, “sofrimento”) para

* JONES, Peter V. “The Κλέος of Telemachus: *Odyssey* 1.95”. In: *American Journal of Philology* Vol. 109 (1988), pp. 496-506. Ed.: The Johns Hopkins University Press.

¹ Sou grato aos leitores da AJP por ajudarem a dar forma a este artigo. Todas as referências se devem ao Oxford Text of the *Odyssey*, exceto onde estiver indicado. As traduções são de Carlos Alberto Nunes (N. do T.). A tradução do verso 95 se daria, literalmente, por “de modo que um bom κλέος possa tomá-lo entre os homens”. É uma frase convoluta, mas tais inversões de sujeito e objeto com o verbo ἔχω são comuns em grego homérico (LSJ A8).

² K. Rüter, em Matthiessen, ed., *Odysseeinterpretationen (Hypomnemata* 19 Göttingen 1969) (= Rüter, 1969) levanta o mesmo problema, mas prossegue “und dürfen vielleicht schon hier vermuten, dass Athene mit Telemach auch Grösseres im Sinn hat” (p. 111 e nota). Esta, como presumo, é a maneira de Rüter resolver o problema do κλέος (ele não volta a falar sobre isto). Cf. Rose, 1967 (ver a seguir). Stanford não discute o problema em seu comentário (London² 1959). S. West (Fondazione Lorenzo Valla 1981) comenta “Telemaco verrà elogiato per i suoi sforzi”, mas não elabora.

a missão de Telêmaco, de acordo com a declaração de Atena (13.423). Os escólios oferecem o comentário ὡς τοῦ πατρός φροντίζοντα (“à medida que se preocupa com o pai”). Mas não estou certo se com um mero φροντίς (“preocupação”) se pode vir a adquirir κλέος. Apesar disso, tanto os escólios quanto Eustácio concordam que, de alguma maneira, o κλέος de Telêmaco envolve seu pai, e a esse respeito eles estão corretos. G. P. Rose³ se concentra especificamente no problema, e tenta mostrar que o κλέος será conquistado em uma jornada pelo Peloponeso em busca de informações sobre Odisseu, e então, *com ou sem ele*, com a revanche aos pretendentes (p. 393-94). Estou de acordo com o primeiro dos argumentos de Rose, mas me parece que o segundo se abre para uma decisiva objeção. 13.423 torna claro que o κλέος que Atena tem em mente é aquele que pode ser alcançado *por uma jornada ao redor do Peloponeso*.

αὐτὴ μιν πόμπευον, ἵνα κλέος ἐσθλὸν ἄροιτο
κεῖσ' ἐλθών·

pois companheira lhe fui, porque nome sem par alcançasse
com essa viagem.

13.422-423

Notar κεῖσ' ἐλθών. Conseqüentemente, não vejo como o κλέος de 1.92 possa se referir à morte dos pretendentes.

Uma abordagem completamente diferente é feita por Marion Muller⁴. Para Muller, a jornada de Telêmaco é uma forma de aristéia modificada, comparável em seus modos àquela de Diomedes na *Ilíada* 5.1ff. Assim como Atena dá a Diomedes μένος (“força”) para que ele alcance seu κλέος militar,

³ Em “Quest of Telemachus,” *TAPA* 98 (1967) (= Rose, 1967).

⁴ *Athene als göttliche Helfer in der Odysse* (Heidelberg 1966) (= Muller, 1966) especialmente 28-36. A tese parte da obra de R. Schröter, *Die Aristie als Grundform homerischer Dichtung und der Freiermord in der Odyssee* (Diss. Marburg 1950). T. Krischer amplia a discussão em *Formale Konventionen der homerischen Epik* (Zetemata 56 München 1971) 23f. Para crítica, ver H. Eisenberger, *Studien zur Odyssee* (Wiesbaden 1973) 32 ff. Para uma interpretação moderna da *aristeia*, ver A. Thornton, *Homer's Iliad: Its Composition and the Motif of Supplication* (Hypomnemata 81 1984) 73ff.

ela também planeja dar μένος a Telêmaco pelos mesmos propósitos, mas em um contexto não-militar:

αὐτὰρ ἐγὼν Ἰθάκηνδ' ἐσελεύσομαι, ὄφρα οἱ υἱὸν
μᾶλλον ἐποτρύνω καὶ οἱ μένος ἐν φρεσὶ θεῖω,

Enquanto a mim, irei logo para Ítaca, porque seu filho
possa incitar e inspirar-lhe a coragem precisa no espírito,

1.88-89

Mas Muller nota que, diferente de Diomedes, Telêmaco precisa também de encorajamento para assumir esse papel (ἐποτρύνω, portanto), e explica o porquê: o dever de Telêmaco é a vingança, mas ele se distanciou em demasiado desse sentido de dever, à medida que tem apenas uma imagem obscura e indistinta de seu pai. Atena precisa implantar na mente de Telêmaco uma imagem clara e inambígua da ἀρετή (“excelência”) de seu pai se quiser criar nele o desejo de agir. E ela consegue, pois ela parte . . .

τῷ δ' ἐνὶ θυμῷ
θῆκε μένος καὶ θάρσος, ὑπέμνησέν τέ ἐ πατρὸς
μᾶλλον ἔτ' ἢ τὸ πάροιθεν. ὁ δὲ φρεσὶν ἦσι νοήσας
θάμβησεν κατὰ θυμόν· οἶσατο γὰρ θεὸν εἶναι.

. . . tendo deixado em seu peito
força e coragem, fazendo-o lembrar-se ainda mais de Odisseu
do que até então o fizera.

1.320-323

A tese de Muller me parece central. Se quisermos decifrar a resposta para nossa questão sobre o significado de κλέος no verso 1.95, a relação de pai e filho, como os escólios e Eustácio notaram, possui uma das chaves para isso⁵.

⁵ Os escólios já haviam percebido que, de certa forma, a jornada de Telêmaco é como a de seu pai. Por exemplo, EM em 1.93 diz: ἄτοπος δοκεῖ εἶναι Τηλεμάχου ἢ ἀποδημία πρῶτον μὲν κίνδυνον προξενούσα τῷ νέῳ. δεύτερον ἐπανάστασιν τῶν μνηστήρων ἀπειλοῦσα,

A segunda chave se encontra ainda mais próxima: é o próprio significado específico da palavra κλέος. O problema se dá como Rose (1967) o descreve: “certamente alguém deve fazer algo, algo corajoso e valoroso, para ser recompensado com κλέος ἐσθλόν” (p. 394). Apenas viajar pelo Peloponeso, por mais irrepreensível que seja a sua conduta, não parece dar qualificação a ninguém. Mas não é necessário que uma pessoa *faça* qualquer coisa para conquistar κλέος. κλέος é cognato de κλύω (cf. *inclutus*) e tem a ver com reputação, com o que as pessoas dizem sobre você. Em certos casos, de fato, significa simplesmente “notícias”, como em e.g., 1.280-84. Em outros casos, a mera edificação de um monumento traz κλέος (2.239-40, 4.584, 5.311); em outros, o retorno de um esposo (18.254-55); em outros, os feitos heróicos de um filho traz κλέος ao pai (*Il.* 6.446)⁶.

Mas a definição mais eficaz é a de James Redfield⁷. O κλέος, diz ele, “está na visão do próximo: o κλέος de um homem consiste do que os outros dizem a respeito dele . . . κλέος é, assim, um tipo específico de identidade social. Um homem tem uma história (que) se constitui, em um certo sentido, de sua própria pessoa, ou de uma versão de sua própria pessoa . . . e, à medida que sua história pode fazer sobreviver sua existência pessoal, é o ponto de vista do outro que gera a sua versão mais real” (pp. 32-34).

À luz do significado da raiz de κλέος e a definição de Redfield, podemos interpretar as palavras de Atena a Telêmaco em 1.95 como “a fim de que possa receber dentre os homens uma verdadeira – e nobre – estima para o seu nome”. Mas por que Telêmaco precisa de tal estima? Ele não sabe quem é? Na verdade não.

τρίτον οὐκ ὠφελοῦσα τὴν ζήτησιν τοῦ πατρός ἀλλ’ ἔδει τὸν ἐν γυναιξὶ τεθραμμένον, λύπαις τεταπεινωμένον, ῥητορειῶν οὐ πεπειραμένον οὐδεπώποτε, πολύτροπον γενέσθαι παραπλησίως τῷ πατρὶ, καὶ τοῦτο κερδᾶναι τῇ πλάνῃ, καὶ κοινωνεῖν τῷ πατρὶ τῶν κατορθωμάτων ἐν τῇ μνηστηροκτονίᾳ (Dindorf, Oxford 1855).

O mesmo ponto é colocado, e.g., por D. E. Bynum em “Themes of the Young Hero in Serbocroatian Oral Epic Tradition,” *PMLA* 83 (1968) 1296-1303, esp. 1302 (ver também 1297 sobre “transferência de papéis” entre pai e filho), J. H. Finley, *Homer’s Odyssey* (Cambridge, Mass. 1978) 2ff., N. Austin, *Archery at the Dark of the Moon* (Berkeley 1975) 182ff.

⁶ A. Thornton em *People and Themes in Homer’s Odyssey* (Dunedin/London 1970) 148, n. 66 elabora o mesmo ponto em relação ao 6.185 debatido, interpretando μάλιστα δέ τ’ ἔκλυον αὐτοὶ como “torna-os ambos famosos”, i.e., traz-lhes κλέος. A visão de Nagy sobre o significado de κλέος (*Best of the Achaeans* [Baltimore 1979] especialmente os Capítulos 1 e 6) não é relevante para esta discussão.

⁷ *Nature and Culture in the Iliad* (Chicago 1975).

Nossa primeira visão de Telêmaco é de um jovem cujos pensamentos estão centrados inteiramente em seu pai (1.114-18). Tudo o que ele faz é perguntar a si mesmo se Odisseu irá voltar e dispersar os pretendentes e controlar sua casa novamente. Em outras palavras, ele é inútil e precisa desesperadamente de seu pai. Então Telêmaco hospeda e alimenta Atena, e começa a dividir suas questões com ela em mais um longo lamento pela perda de seu pai (1.158ff). O final da resposta de Atena à sua pergunta e a resposta de Telêmaco são de grande significado. Primeiro, Atena quer saber se Telêmaco é mesmo o filho de Odisseu (1.206-07). Ela conclui que sim, pela semelhança física com seu pai (208-12). Mas Telêmaco demonstra dúvida: ninguém realmente conhece seu pai, diz ele (216). Ele até mesmo desejaria que fosse filho de um homem mais afortunado (217-20). Atena o anima: Penélope seguramente é sua mãe – isso não é suficiente (222-23)? Mas Telêmaco rejeita esse consolo. Seu pai morreu, e ninguém sabe onde: tivesse morrido em batalha, e os gregos lhe teriam construído uma sepultura, e ele ganharia um grande e memorável κλέος para ele e seu filho (239-40). Mas tudo o que Odisseu deixou para ele é lamento. *Telêmaco não sabe realmente quem é seu pai* (215-16)⁸, e o modo como Odisseu desapareceu (se ele de fato desapareceu) significa que *Telêmaco não herda nenhum κλέος dele* (237-40). A convicção e confiança de Atena – pelo menos de que ele tem Penélope como mãe (222-23) – não significam nada para o jovem. A esse respeito, Telêmaco usa a mesma linha de raciocínio que seu pai em 5.311ff. Lançado por uma tempestade depois de deixar a ilha de Calíпсо, Odisseu reflete de modo pessimista (5.308-12) que, se ele tivesse morrido em Tróia, teria seus últimos ritos e os gregos lhe teriam reverenciado com κλέος (311). Mas agora ele está fadado a morrer desolado. Todo o κλέος do mundo é inútil sem um funeral público onde o κλέος possa ser reconhecido – e passado adiante. A questão é resolvida por Atena, que aparece a Telêmaco depois de ele ser intimidado pelos pretendentes e clamar por ajuda. Ela diz que ele não será nem κακός nem ἀνοήμων (“nem fraco nem fútil”) estando o μένος ἤν (“ardor invencível”) de seu pai instilado em seu sangue, pelo dom da palavra e de realizar proezas (2.270-72). Mas se ele não é de tal estirpe,

⁸ L. A. Mackay em “The Person of Penélope,” *G & R* (1958) 123 comenta sobre o “senso de insegurança em seu estado de orfandade paterna” de Telêmaco.

não há esperança (264-75). No entanto, se a μῆτις (“astúcia”) de Odisseu não lhe foi privada, ainda há esperança (278-80). Aqui Atena forja uma clara e inambígua vinculação entre Telêmaco e seu pai, e o desafia a cumprir à altura a reputação de Odisseu. É particularmente significativo que Atena enfatize as duas grandes qualidades heróicas de Odisseu – seu μένος ἦν (271), a qualidade iliádica da excelência na palavra e na proeza (272), e sua μῆτις (279), a inteligência sagaz tão característica dele nas circunstâncias particulares da *Odisséia*.

Para resumir. O plano de Atena era que, em sua viagem pelo Peloponeso, Telêmaco pudesse conquistar κλέος. κλέος não é o que você faz, mas o que as pessoas dizem sobre você. É a sua “verdadeira identidade”. Telêmaco, não sendo familiarizado com seu pai ou mesmo sabendo se ele está morto ou não, não herdou κλέος naturalmente (e os pretendentes efetivamente o previnem de conseguir conquistar qualquer κλέος por si mesmo)⁹. Como esses problemas são resolvidos no Peloponeso?

A resposta é dada com máxima brevidade pelo texto. Aqui Nestor elogia a aparência de Telêmaco e o incita a conquistar boa reputação:

καὶ σὺ φίλος, μάλα γάρ σ' ὀρώω καλόν τε μέγαν τε,
ἄλκιμος ἔσσης, ἵνα τίς σε καὶ ὀψιγόνων εὖ εἴπῃ.

Tu, também, caro! Crescido te vejo e com bela aparência.
Sê corajoso, porque também possam vindouros louvar-te.

3.199-200

Em 3.374-79, Nestor associa o apoio de Atena a Telêmaco com o apoio da deusa a Odisseu: tu não serás nem κακός nem ἄναλκις (“covarde”), lhe assegura Nestor, se os deuses assim te guiarem (3.375-76). Em 4.138-50, depois de uma considerável e convicta aclamação para Telêmaco e Pisístrato antes mesmo deles falarem com os moradores da casa (4.27, 62-64), Helena reconhece Telêmaco como filho de Odisseu (cf. Austin *op. cit.* p. 188). Ela jamais vira alguém tão semelhante a Odisseu (4.141-43). Menelau confirma

⁹ Cf. C. R. Beye, *The Iliad, the Odyssey and the Epic Tradition* (London 1968) 166-67.

que esta também é sua impressão (148-50) (ele já o reconhecera em 4.116-19), e reconfirma essa impressão em 4.611, e cf. 4.207-11 (pais nobres geram filhos nobres).

Aqui, portanto, está o κλέος que Atena predizia para Telêmaco em 1.95, o relato a respeito dele mesmo que ele precisava ouvir: ele é de fato o verdadeiro filho de seu pai. Ele tanto se parece com Odisseu como tem a mesma ajudante divina. Atena por ela própria, é claro, encorajou (1.206-12), (supracitado p. 5) e desafiou Telêmaco nesses termos em 2.270ff (p. 6). Em 1.296 ela retoma o paralelo com Orestes e encoraja Telêmaco com as mesmas palavras de Nestor. Telêmaco não deveria se apegar à infância: ele deveria se lembrar do κλέος que Orestes conquistou ao matar Egisto. À medida que ele for καλός e μέγας (“belo e grandioso”), deve se tornar ἄλκιμος (“bravo”) para que gerações vindouras *falem bem* dele (1.296-302). Aqui, de fato, há um chamado para o κλέος por meio de uma ação, e Telêmaco, em companhia de seu pai, irá responder a esse chamado nos Cantos 22-24 (ver especialmente 24.514-5, onde eles são comparados como rivais). Mas esse é um desafio que repousa no futuro: nos Cantos 3-4, o κλέος de Telêmaco não pode resultar de tal conduta. Mas a importância da experiência no Peloponeso é que Telêmaco descobre que a deusa não está sozinha na sua estima por esse κλέος potencial. Tanto Nestor como Menelau, à parte de seu pai os dois maiores heróis sobreviventes da Guerra de Tróia, chegam às mesmas conclusões, e Helena irá fazer o mesmo, ainda que não saiba quem ele é (4.138-46). Assim, nos Cantos 1-4 Telêmaco mostra que ele pode reivindicar o direito do κλέος de seu pai e também construir o seu próprio¹⁰.

Mas não podemos parar aqui. Se o status e a identidade de Telêmaco estão sendo postos na balança pelo poeta nos cantos 1-4, deve ser por algum propósito, e seria justo assumir que o propósito será revelado na segunda metade da *Odisséia*. O encontro de Odisseu e Atena no Canto 13 oferece algumas pistas.

¹⁰ Neste contexto 3.98-101 (= 4.328-31) pode ser importante. Nessas linhas, Telêmaco pede a Nestor para lhe contar a verdade não por conta do que ele (T.) fez, mas por conta do que Odisseu fez. Em outras palavras, Telêmaco afirma aqui, em público, seu direito de herdar as consequências das ações de seu *pai*. Cf. o pessimismo de Penélope a respeito de Telêmaco em 4.818.

No Canto 13, Atena dá instruções a Odisseu para ir à cabana de Eumeu e lá aguardar (13.412-24). Enquanto isso, ela irá até Telêmaco em Esparta: ele foi até lá, diz ela, *πευζόμενος μετὰ σὸν κλέος, εἴ που ἔτ' εἷης* (“para obter de ti novas, se acaso vivesses”) (415). Odisseu pergunta por que Atena não contou a Telêmaco que ele estava para retornar: Atena responde que sua intenção era que ele pudesse ganhar *κλέος ἐσθλόν* indo até lá (422). Ela agora assegura a ele que Telêmaco não enfrenta adversidades, e está hospedado nos aposentos de Menelau, *παρὰ δ' ἄσπετα κεῖται* (“onde tem abundância de tudo”) (424). Primeiro, observemos a ironia de 415¹¹. Telêmaco, diz Atena, foi ‘atrás do seu (= de Odisseu) κλέος, se acaso você ainda estiver vivo’. κλέος aqui obviamente tem o sentido primário de ‘notícias’ (cf. 3.83). Mas, se nossa interpretação de 1.95 e do resto dos Cantos 1-2 estiver correta, nós sabemos que o κλέος do próprio Telêmaco está irrevogavelmente ligado com a vida e a morte de Odisseu. Como que para deixar o ponto inambíguo, Atena ressalta para Odisseu que a jornada de Telêmaco foi responsabilidade *dela*, e era propósito *dela* que Telêmaco pudesse conquistar seu κλέος ἐσθλόν (422) ao ir até lá. Mas o ponto principal é que sua próxima fala (423-24) responde à questão óbvia – Telêmaco conquistou κλέος? – antes de Odisseu ter a chance de responder: Telêmaco está sendo hospedado por Menelau, e ‘toda fartura se dispõe para ele’. Atena está tranquilizando Odisseu: seu filho está são e salvo. Mas quando Atena menciona a fartura que existe em torno dele, está fazendo mais do que descrever o palácio de Menelau (cf. 4.74-75). Uma das provas mais importantes de heroísmo consiste na oferta de bens ao herói, e Atena aqui também insinua sobre a generosidade que Menelau já mostrou a Telêmaco (4.611-19) e que Helena também irá mostrar (15.104-08). Essa discussão, portanto, é um momento importante na *Odisséia*. Se nossa interpretação está correta, *tais palavras asseguram a Odisseu que seu filho é digno dele*. Se estivermos preparados para aceitar um argumento *ex silentio*, Odisseu nunca levanta essa questão novamente, no entanto, ele está mais obcecado do que

¹¹ C. Segal em “*Kleos and its Ironies in the Odyssey*,” *AC* 52 (1983) 22-47 não discute o significado do κλέος em 1.95, nem seleciona esta ironia particular. A. T. Edwards em seu *Achilles in the Odyssey* (Beiträge zur Kl. Ph. 171, 1985) discute o κλέος nos mesmos termos que Nagy e Segal (especialmente 79-81). Meu objetivo é algo diferente.

nunca em testar a todos no palácio (16.305), e em 20.33-35 Atena tem que repreendê-lo por esquecer que grande filho ele tem em casa!¹²

Podemos levar o tema adiante? Acho que podemos, mas é importante neste ponto não obscurecermos o assunto com uma famosa controvérsia. Desde o argumento de Porfiro de que a jornada de Telêmaco era uma forma de *paideusis* (“educação”), tem havido intensas discussões sobre até que medida Telêmaco “amadurece” ou “se desenvolve” durante o curso da *Odisséia*. À despeito da crítica de Wilamowitz de que não existe tal coisa de “desenvolvimento de personagem” na literatura grega, estudiosos em geral têm visto sinais de desenvolvimento e de maturidade (de várias qualidades) em Telêmaco tanto durante quanto depois da jornada ao Peloponeso. Para uma lúcida discussão sobre este tema, sugiro a leitura de “Telemachus and the Telemacheia” *AJP* 84 (1963) de H. W. Clarke, e chamo especial atenção para sua tentativa de conclusão, expressa em uma nota de rodapé (p. 141, n. 16):

“Tenha ele mudado ou crescido, transformado ou amadurecido, e sejam quais forem suas acidentais dificuldades ao ajudar seu pai (como deixar a porta da despensa aberta no Canto 22), o Telêmaco que Odisseu conheceu no Canto 16 foi trazido para o mundo heróico para apreciar pessoalmente as glórias de um reino estabelecido que desfruta os benefícios da ordem e da prosperidade. Isto, de qualquer maneira, é um tipo de conhecimento que ele não tinha antes de visitar Pilos e Esparta; mas seja lá o que a viagem possa ter feito para o caráter de Telêmaco, sua visão do mundo heróico em harmonia consigo enriquece o poema e estende seu significado”.

Isso parece para mim muito claro, e extremamente importante. Alguém não poderia esperar que Homero estabelecesse uma distinção crua, como entre branco e preto, entre o comportamento de Telêmaco antes e

¹² Pode ser significativo que Atena pareça surgir a Telêmaco em sua própria pessoa em 15.10ff. Isto seria único na *Odisséia*, mas na *Ilíada*, de qualquer maneira, os deuses apenas aparecem como eles mesmos aos seus favoritos (ver W. Arend, *Die typischen Szenen bei Homer* [Berlin 1933] 56, n. 2).

depois do episódio no Peloponeso, e mesmo assim é verdade que há pouco do que alguém pode indicar com exatidão. Mas se nós mudarmos a pergunta, i.e., “de que maneira poderíamos esperar que se comportasse o homem que sabe que é o verdadeiro filho de Odisseu?”, poderíamos obter uma questão mais organizada. E eu penso que Homero supre isso: *ele se comporta como Odisseu*.

Odisseu e Telêmaco estão reunidos, e, depois de descobrirem quantos pretendentes existem no palácio, Odisseu procede instruindo Telêmaco sobre o plano de ação (16.270ff.). Não se trata de mero acidente que Odisseu deposite sobre Telêmaco a responsabilidade de se comportar exatamente da mesma maneira como ele agora deveria se comportar, e como no passado se comportou:

εἰ δέ μ' ἀτιμήσουσι δόμον κάτα, σὸν δὲ φίλον κῆρ
τετλάτω ἐν στήθεσσι κακῶς πάσχοντος ἐμεῖο,
ἦν περ καὶ διὰ δῶμα ποδῶν ἔλκωσι θύραζε
ἦ βέλεσι βάλλωσι· σὺ δ' εἰσορόων ἀνέχεσθαι.
ἀλλ' ἦ τοι παύεσθαι ἀνωγέμεν ἀφροσυνάων,
μειλιχίοις ἐπέεσσι παραυδῶν· οἱ δέ τοι οὐ τι
πείσονται· δὴ γάρ σφι παρίσταται αἴσιμον ἦμαρ.

Se for por eles em casa insultado, suporte em teu peito
O coração, ainda mesmo que vil tratamento me dêem
E pelos pés me arrastarem, jogando-me fora da porta,
Ou me ferirem com dardos; suporta paciente o espetáculo.
Deves, contudo, lhes dar uns conselhos em termos melífluos,
Para que um fim ponham logo a tais coisas. Nenhum prestará,
Ao que disseres, ouvidos, que o dia fatal se aproxima.

16. 274-80

Telêmaco deve *suportar* (275, 277), e reprimir os pretendentes com *termos melífluos* (278, cf. Odisseu com Nausícaa em 6.148) – características

de Odisseu *par excellence*. Mas de significando ainda maior é a injunção dada a Telêmaco, o verdadeiro teste de “sangue”, como Odisseu torna claro:

ἄλλο δέ τοι ἐρέω, σὺ δ' ἐνὶ φρεσὶ βάλλεο σῆσιν·
εἰ ἐτεόν γ' ἐμός ἐσσι καὶ αἵματος ἡμετέροιο,
μή τις ἔπειτ' Ὀδυσῆος ἀκουσάτω ἔνδον ἐόντος,
μήτ' οὖν Λαέρτης ἴστω τό γε μήτε συβώτης
μήτε τις οἰκίων μήτ' αὐτὴ Πηνελόπεια,
ἀλλ' οἶοι σύ τ' ἐγὼ τε γυναικῶν γνώομεν ἰθύν·
καὶ κέ τεο δμῶων ἀνδρῶν ἔτι πειρηθεῖμεν,

Ora pretendo dizer-te outra coisa; no espírito o grava.
Se és do meu sangue, de fato, e meu filho te orgulhas de ser,
Não venha nunca ninguém a saber que Odisseu já voltou.
Que o não perceba Laertes, nem mesmo o divino porqueiro,
Nem um qualquer dos criados da casa, nem mesmo Penélope.
Os sentimentos das servas somente nós dois sondaremos.
Sim, poderemos, também, pôr à prova o sentir de alguns servos,

16. 299-305

Telêmaco deve aprender a *disfarçar a identidade* do mendigo até que a casa tenha sido *inteiramente provada*. Provas e enganos jazem no coração da *Odisséia* (cf. Atena para Odisseu, 13.306-10).

Norman Austin já discutiu algumas das características de Odisseu em Telêmaco na *Odisséia*¹³, e eu não pretendo repetir tal discussão aqui. Mas, por referência própria, listo aquelas passagens onde Telêmaco ilustra a capacidade de coragem e inteligência que Odisseu espera encontrar nele. (a) a coragem de Telêmaco: 17.489-91 (cf. 17.465, 20.184 onde as mesmas palavras também são usadas para Odisseu), 20.384-86; (b) a coibição de Telêmaco aos pretendentes: 18.61-65, 18.406-08; 20.262-67, 20.308-09; (c) a inteligente proteção do mendigo por Telêmaco: 17.342-55, 20.129-33; (d) o intencional ardil de Telêmaco: 17.6-15, 17.139-49, 19.27-28, 21.131-35. Nas

¹³ “Telemachos Polymechanos,” *CSCA* 2 (1969) 45-63.

seguintes passagens, Telêmaco tira vantagem de sua “juventude”: 18.227-232, 19.19, 20.309-10, 21.102-05.

Poderia, é claro, ser argumentado que não há nada novo ou revelador sobre Telêmaco nos Cantos 17-21, à medida que ele tem mostrado essas qualidades o tempo todo. Por exemplo, ele tem suportado a ausência de Odisseu durante as depredações dos pretendentes pelos últimos três anos (13.277), e tem se empenhado em suas próprias pequenas artimanhas (e.g., escondendo a sua partida para o Peloponeso de Penélope [2.356]; protegendo a verdadeira identidade de Atena diante de Eurímaco [1.417-19]). Mas é preciso ser dito que a coragem de Telêmaco e o sucesso ou fracasso de suas artimanhas nos Cantos 1-2 não são centrais para a questão do seu κλέος. Já do Canto 17 adiante, o sucesso da artimanha de Telêmaco unido a Odisseu é absolutamente crucial ao seu eventual triunfo e *pende grandemente da habilidade de Telêmaco em controlar uma longa artimanha*. Se a responsabilidade elevada de Telêmaco deve ser compreendida como uma contribuição para o debate sobre o “desenvolvimento da personagem”, isso depende da visão particular sobre esse assunto delicado. Não é um tema que eu desejo explorar aqui. Mas a consistente conduta de Telêmaco aos modos de Odisseu nos últimos cantos parece criticamente ligada à promessa de κλέος e de nome preclaro por parte de Atena em 1.95.

Há ainda uma importante *coda*. Como aponta Rose (p. 391 e bibliografia), tem havido certo número de explicações sobre a jornada de Telêmaco a Pilos e Esparta. Por exemplo, pesquisadores têm argumentado que o poeta usa a jornada primariamente para relatar o retorno de outros heróis, ou mostrar Helena em sua casa, ou para justificar o assassinato dos pretendentes que planejavam emboscar Telêmaco em seu retorno, ou revelar algo de Odisseu através dos olhos de seus velhos companheiros, ou desenvolver e educar o jovem Telêmaco ou iniciá-lo em meio à sociedade heróica. Clarke especialmente oferece uma sensível leitura das nuances de interação de Telêmaco com os heróis e seus lares. Pode ser que o que eu tenha afirmado sobre κλέος tenha de fato o que acrescentar a esse debate, mas certamente não pretende deslocar ou modificar quaisquer outros pontos que alguém possa fazer. Procurei mais simplesmente definir o que κλέος

significa em 1.95 e observar como Homero desenvolve o tema na personagem de Telêmaco.